

# O COLONO PRETO COMO FACTOR DA CIVILIZAÇÃO BRAZILEIRA

*Memoria apresentada ao 6o Con-  
gresso Brasileiro de Geographia,  
reunido em Bello Horisonte.*

POR

**Manuel Querino**

(DO INSTITUTO GEOGRAPHICO E HISTORICO DA BAHIA E DO INSTITUTO DO CEARA')

54692

BAHIA  
IMPrensa OFFICIAL DO ESTADO  
Rua da Misericordia, n. 1

1918



## DO MESMO AUTOR

Desenho Linear das classes elementares.  
Elementos de Desenho Geometrico.  
Artistas Bahianos.  
Bailes Pastoris—Trechos Coordenados.  
As Artes na Bahia.  
Costumes Africanos  
A Bahia de Outrora.

Ao Exmo. e Sr. Dr.

*Joaquim Arthur Pedreira Franco*

Dignissimo Secretario da Agricultura, Viação, Industria, Commercio e Obras  
Publicas do Estado



*Exigua homenagem do autor.*



## CAPITULO I

### Portugal no meiado do seculo XVI

Perdidas as pretensões de dominio, por infructíferas que foram as resoluções audaciosas de altos commettimentos, no Oriente, as vistas da metropole se voltaram, esperançosas, para a America Portugueza. Escreveu eminente publicista luzitano, tratando da colonização do Brazil: «Legislamos, como se foram os portuguezes de além-mar os pariás da metropole. Governamos, como se o Brazil fosse apenas uma herdade, onde trouxessemos agages obscuros e oppressos jornalheiros. Defendemos-lhe a communicacão e o trato de gentes peregrinas. Reduzimos a estanco e monopolio grande parte das suas mais valiosas producções.

«Prohibimos-lhe que erigisse um tear, uma forja, uma officina.

«Declaramos por attentado que um só prelo diffundisse timidamente a sua luz naquellas regiões escurecidas. Condemnamos, por subversivas, as sociedades literarias.

«Receamos que a minima illustração do pensamento nos roubasse a colonia emancipada.»

E ajuntava o mesmo escriptor:

«O que nos sobra em gloria de ousados e venturosos navegantes, mingua-nos em fama de energicos e previdentes colonizadores. Conquistamos a India para que extranhos a lograssem.

«Devassamos a China, para que utilisassem depois os seus commercios.

«Levamos ao Japão o nosso nome para que outros mais felizes implantassem naquella terra singular os primeiros rudimentos da Civilização Occidental. Lustramos a Africa para que alheios povos, tachando-nos de inertes e remissos, nos disputassem o que não soubemos aproveitar.

«Dos infindos territorios que a nosso poderio avassalamos, resta-nos apenas no Oriente quanto de terra era sobeja para cravar como historica tradição, a bandeira nacional.» (1).

A respeito da acção civilizadora dos portuguezes no Oriente escreveu ainda notavel historiador patricio:

«Os portuguezes foram, sem duvida, bons soldados e bons marinheiros emprehendedores, valentes e denodados, porém nunca foram conhecidos senão como conquistadores. Conquistaram

(1) Latino Coelho—*Elogio Historico ae José Bonifacio*—Lisbôa—1877.

grande parte da Africa e da Asia, e de suas conquistas só sabemos, que tantos mil Mouros ou Indios se tinham deixado degolar impunemente por tantos centos de portuguezes, em tal ou qual parte.

«Das regiões mais distantes apenas conheciamos as riquezas que serviam de estímulo á cobiça dos novos argonautas; nada sabiamos, que pudesse interessar ás sciencias e ás artes, até que outros povos participassem egualmente de seus despojos: foi então, que podemos conhecer as produções da natureza naquelles variados climas.

«Leiam-se as chronicas daquelles tempos, consultem-se os historiadores mais fiéis e se verá alonga serie de façanhas ao lado de uma descripção pomposa de um rei prisioneiro ou convertido á fé pela espada de um aventureiro. Ruinas e sepulcros foram os monumentos que deixaram na Índia os portuguezes: muita gloria, se queremos, e nada mais» (2).

Decidiu-se, pois, a metropole portugueza a recuperar no Brazil o que perdera no Levante, e aqui os recursos de toda a ordem poderiam satisfazer ás necessidades do momento, e, bem assim, assegurar-lhe prospero futuro.

(2) General Abreu e Lima—*Esboço Historico, Politico e Litterario do Brazil.*

Nessa faina, porém, de dobrar cabos e desbravar territorios infindos, em proveito alheio, esterilizou-se toda a febre de grandezas e poderio da nação portugueza, muito embora nas signas das suas caravellas se envolvessem a «cupidez, ganancia, fome de oiro, sede de conquista» (3).

Iniciada a colonização com os peiores elementos da metropole, o indio insubmisso revoltou-se contra a tyrannia e injustiça de que fôra victima, com a exploração da sua actividade nos trabalhos da lavoura.

Começaram então as luctas para a submissão dos selvicolas, as quaes nem os proprios jesuitas conseguiram obstar ou atenuar.

O que a Companhia de Jesus conseguia com brandura persistente, com sua palavra repassada de carinho e de meiguice, o colonizador portuguez ia destruindo pelo terror e pelo dominio da força. De um lado, o afago e o desejo de uma aliança fraternal e duravel; do outro, o castigo, as torturas, as sevicias, os tormentos inconcebíveis. O regimento dado a Thomé de Souza, primeiro governador, determinava: «Mais entretanto que negociar as pazes, faça o governador por colher ás mãos alguns dos principaes que tiverem sido cabeças dos levantamentos, e os

(3) Guerra Junqueiro—*Discurso Republicano.*

mande enforçar por justiça nas suas proprias aldeias».

Com semelhante modo de colonizar, preferiram, pois, os pobres incolas americanos refugiar-se entre os animaes bravios, onde a liberdade fosse o mais valioso apanagio da sua vida errante. O parasitismo alçou o collo, deu combate em campo raso com o apoio do governo, que participava dos lucros auferidos.

Por isso, o colono branco vinha com o espirito atormentado pela ganancia, repetindo o estrebilho da mãe patria:

«Toda a prata que fascina  
Todo o marfim africano  
Todas as sêdas da China.»

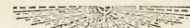
Com anciedade devastadora atirou-se á empreza, confiante no resultado immediato. «Em todas as colonias hespanholas e portuguezas. um subsolo riquissimo em mineraes movia as ambições do immigrante.

«Só vinha para a America o homem tangido de esperanças e preocupações de fortuna rapida e facil. Nenhum sentimento superior o animava: nem mesmo o sentimento da liberdade.

«O proprio despotismo era aceitavel si se conciliava com o interesse do momento» (4).

(4) Rocha Pombo—*Historia do Brazil*.

Mal succedido com o indigena que abandonara o littoral para embrenhar-se na floresta virgem, a metropole mudou de rumo, e, a exemplo de outras nações da Europa, e, de parceria com o Arabe, firmon o seu detestavel predominio no celleiro inexgotavel, que fora o continente negro, arrancou dali o braço possante do africano para impulsionar e intensificar a producção de cereaes e da canna de assucar e desentranhar do seio da terra o diamante e metaes preciosos.





## CAPITULO II

### Chegada do africano no Brazil, suas habilitações

A historia nos affirma que, muito antes da era christã, os árabes se haviam introduzido nos sertões do continente negro, e com maior actividade no seculo VII.

Missionarios musulmanos internaram-se em alguns pontos da Africa semeando os germens da civilização, abolindo a antropophagia e a abominavel pratica dos sacrificios humanos.

Levando-se em conta o gráo de cultura attingido por esses invasores, com taes predicados, não resta a menor duvida de que foram elles os introductores dos conhecimentos indispensaveis ao modo de viver do africano nas florestas, nas planicies, nas mattas, nas montanhas, vigiando os rebanhos, cultivando os campos, satisfazendo assim ás necessidades mais rudimentares da vida. Accrescente-se a essa circumstancia, a fundação de feitorias portuguezas em diversos pontos do continente, e, chegar-se-á á conclusão de que o colono preto, ao ser transportado para

a America, estava já aparelhado para o trabalho que o esperava aqui, como bom caçador, marinho, creador, extractador do sal abundante em algumas regiões, minerador de ferro, pastor, agricultor, mercador de marfim, etc. Ao tempo do trafico já o africano conhecia o trabalho da mineração, pois lá abundava o ouro, a prata, o chumbo, o diamante e o ferro.

E como prova de que elle de longa data conhecia diversas applicações materiaes do trabalho veja-se o que diversos exploradores do continente negro dizem de referencia ao que sobre o objecto encontraram.

«Em Vuane Kirumbe vimos uma forja indigena, onde trabalhavam cerca de uma duzia de homens. O ferro que se empregava era muito puro e com elle fabricavam os grandes ferros para as lanças de Uregga meridional, facas de todas as dimensões, desde a pequena faca de uma pollegada e meia de extensão, até ao pezado cutello em forma de gladio romano.

«A arte de ferreiro é muito apreciada nestas florestas onde, em consequencia do seu isolamento, as aldeias são obrigadas a fazerem tudo. Cada geração aprende por sua vez os processos tradicionaes, que são numerosos, e mostram que

o proprio homem das solidões é um animal progressivo e perfectivel» (5).

«Conhecem tambem os processos necessarios para o fabrico de aço, pela combinação do ferro com o carbonio e a tempera». (6).

Para a exploração das minas na Africa precedia consulta aos deuses do feiticismo. Satisfeita esta pela affirmativa, iniciavam as *obrigações*, com dansas, factura de *cbós*, matança de aves e animaes para o melhor exito da empreza. A's vezes não faltavam tambem os sacrificios humanos.

Em meio do seu regosijo exclamavam: «*Devemos cavar a terra para enriquecer*».

Não contentes com escravizar o indio brasileiro, destruindo-lhe tribus e nações infeiras, como se deu no Maranhão e no Pará, como se fez no Guayrá, na zona do sul, no seculo XVII, e porque o escravo indigena era mui inconstante e menos seguro, sobre ser uma propriedade muito controvertida entre os colonos e as autoridades, voltaram os colonizadores do Brazil vistas cubiçosas para as terras da Africa e dahi retiraram a mais rica mercadoria que lhes não forneciam os selvicolas americanos. Os portuguezes saídos de

(5) Stanley—*Atravez do Continente Negro*—Vol. 2º p. 362.

(6) Capello e Ivens—*De Benguella ás Terras de Yacco*—Vol. 1º pag. 105.

uma zona temperada para se estabelecerem em um clima ardente, diverso do da metropole, seriam incapazes de resistir ao rigor dos tropicos, de desbravar florestas e arrotear as terras sem o concurso de um braço mais affeito á lucta nessas regiões esbrasiadas e combatidas pelo impaldismo devastador.

Ao reinol, pois, que trazia o proposito de enriquecer com meaos trabalho, facil lhe foi encontrar nisto razão e justificativa para se utilizar do colono negro, adquirido na Africa.

Sem isso, difficil senão impossivel era pegar no paiz a colonização com elemento europeu, tanto mais quanto ao iniciar-se esta, afora os serventuarios da alta administração, as primeiras levas eram de degradados, de individuos viciosos e soldados de presidio.

Foi, portanto, mister importar desde cêdo, o africano e dentro em pouco tempo os navios negreiros despejavam na metropole da America Portugueza e em outros pontos centenas e centenas de africanos, destinados aos trabalhos da agricultura e a todos os outros misteres. As proprias *expedições bandeirantes* não lhe dispensavam o concurso, pois que, de quanto podia servir o negro nada se perdia.

A primeira folheta de ouro encontrada na

margem do Rio Funil, em Ouro Preto, coube a um preto bandeirante; bem como a descoberta do diamante «Estrella do Sul». Laborioso como era, muito embora com o corpo sevicado pelos açoites do feitor, estava sempre o escravo negro, obediente ás suas determinações, com verdadeiro stoicismo.

No fim do seculo XVII começaram a exploração das minas. O trafico africano augmentou de intensidade, e as entradas do colono preto, no paiz, foram muito maiores. Cresceu, portanto, a cobiça e o parasitismo tomou o aspecto de uma instituição social, com todo o cortejo de vicios e maldades.

No dominio hespanhol, a plebe que na terra natal «grunhia na mais negra miseria, buscando no furto e na mendicidade diversão e remedio ás torturas da fome, mas, julgando sempre o trabalho abaixo da sua dignidade», igualmente assumia proporções arrogantes de nobreza e valimento.

A ideia de riqueza facil banira da mente do aventureiro faminto o amor do trabalho, que era considerado uma função degradante. Por mais respeitavel que fosse a occupação era ella desprezada pelos reinós de pretensões afidalgadas. Esta circumstancia, porém, favoreceu aos homens

de côr nas applicações mecanicas, e mesmo algumas liberaes, cuja aprendizagem valia como um castigo infligido aos humildes, como se fôra occupação infamante. Só a estes era dado trabalhar. «Foi sobre o negro, importado em escala prodigiosa, que o colono especialmente se apoiou para o arrotear dos vastos territorios conquistados no continente sul americano. Robusto, obediente, devotado ao serviço, o africano tornou-se um collaborador precioso do portuguez nos engenhos do norte, nas fazendas do sul e nas minas do interior.» (7).

Com esse elemento, o reinol ambicioso e traficante viu crescer a febre da descoberta dos diamantes e do ouro.

«Luxava-se por ingenua vaidade, por exagerada ostentação, por vangloria de enricados, por tedio sobretudo.»

Uma testemunha da epoca, escreveu:

«Vestem-se as mulheres e filhos, de toda a sorte de velludos, damascos e outras sêdas; e nisto teem grandes excessos.

«São sobretudo dados a banquetes, e bebem cada anno dez mil cruzados de vinho de Portugal e alguns annos houve que beberam oitenta mil cruzados dados em rol. Banquetes de extraordi-

(7) Oliveira Lima - *Aspectos da Literatura Colonial Brasileira*.



narias iguarias... e agasalham em leitos de damasco carmezim, franjado de ouro e ricas colchas da India.»

Sem esquecimento, já se vê, dos serviços de prata, palanquins, cavallos de preço com os respectivos guiões e sellas de ouro, tudo adquirido pelo esforço do heróe do trabalho que era o africano escravo docil e laborioso; pois o reinol acostumara-se a gosar o fructo do trabalho sem sentir-lhe o pezo.





### CAPITULO III

#### Primeiras ideias de liberdade, o suicidio e a eliminação violenta dos senhores

O castigo nos engenhos e fazendas, se não requintava, em geral, em malvadez e perversidade, era não raro severo, e por vezes cruel. Mas, apontavam-se com repulsa social, os senhores que disso abusavam. Ora, era o escravizado prezo, conduzido pelo *capitão do matto*, que o obrigava a acompanhar os passos da cavalgadura; ora eram dois possantes escravizados de azorrague em punho a açoitarem a um parceiro, cortando-lhe as carnes, até expirar, na presença do algoz que assistia, satisfeito, áquella scena de cannibalismo, vaidoso da sua incontida prepotencia.

Alli, um escravizado prezo ao tronco e ás vezes pelo pescoço, sob a acção do supplicio da fome e da sêde, sem conseguir alcançar o alimento ou o vaso de agua collocados propositadamente fóra do alcance das mãos, enquanto os roedores mordiam-lhe os pés.

Depois, é uma victima que esteve no *vira-*

*mundo*, amarrada ao costado de um animal e mandada atirar longe do povoado, para succumbir á mingua de qualquer recurso.

A nostalgia apoderou-se dos infelizes; e o filho do deserto adusto, recordando a impetuosidade do vento, o murmúrio brando da cascata, o éco adormecido das florestas do torrão natal, angustiado pelo rigor da escravidão cruel, mortificado de pezares, uma unica ideia lhe perpassava na mente, um pensamento unico lhe assaltava o espirito: a ideia sacrosanta da liberdade que elle tinha gravada no intimo de sua alma.

E houve quem se apiedasse do seu infortunio consagrando-lhe estes consoladores versos:.....

Nas minhas carnes rasgadas,  
Nas faces ensanguentadas  
Sinto as torturas de cá;  
Deste corpo desgraçado  
Meu espirito soltado  
Não partiu—ficou-me lá!

Naquellas quentes areias,  
Naquella terra de fogo,  
Onde livre de cadeias  
Eu corria em desafogo...  
Lá nos confins do horizonte...  
Lá nas planicies... no monte...  
Lá nas alturas do Céu...  
De sobre a matta florida  
Esta minha alma perdida  
Não veiu—só parti eu.

A liberdade que eu tive  
Por escravo não perdi-a;  
Minh'alma que lá só vive  
Tornou-me a face sombria.  
O zunir do fero açoite  
Por estas sombras da noite  
Não chega, não, aos palmares  
Lá tenho terra e flores...  
Minha mãe... os meus amores...  
Nuvens e céos... os meus lares. (8).

E como conquistar a liberdade?  
Como adquiril-a ou rehavel-a?

Os mais impacientes atiravam-se á correnteza dos rios ou ás aguas revoltas do mar, atezados por desespero sem nome, na incerteza de obter o bem perdido, sem a mais tenue miragem da esperança, sob a esmagadora persuasão de resuscitarem na terra amada.

«Seis escravos cantavam, como se nunca tivessem sentido a sua abjecção, nem o pezo do forçado que tinha no pescoço.

«Perguntei-lhes a causa da sua alegria: elles responderam-me que se regosijavam de vir depois da morte, atormentar e matar aquelles que os tinham vendido.» (9).

Os estrangulamentos voluntarios, as bebidas toxicas e supplicios outros foram os mais promptos

(8) José Bonifacio— o moço. *Saudades do Escravo*  
9) David Livingstone—*Explorações Africanas*.

recursos de que lançaram mão para extinguir uma existencia tão penosa. Depois, entenderam os escravizados que o senhorio era quem devera padecer morte violenta, a que se entregavam os infortunados captivos.

Não vacillaram um instante e puzeram em pratica os envenenamentos, as trucidações barbas do senhorio, dos feitores e suas familias. Era a vingança a rugir-lhes n'alma; era a repulsa provocada pelos desesperos que lhes inspirava o horror da escravidão. A perversidade de trato contra os escravizados torturava o paciente, e ao espirito lhe acudia a represalia mais extravagante.

Reconhecida, porem, a inefficacia de todas essas violencias, o proprio africano recuou de horror tomando por outro rumo.

Recorreram então á fuga e á resistencia collectiva, escondidos nas brenhas, onde organizaram verdadeiros nucleos de trabalho.





#### CAPITULO IV

##### **Resistencia collectiva, Palmares, levantes parciaes**

De quantos martyrios aqui acabrunharam o coração da raça africana, teve esta, no emtanto, um momento de expansivo desafogo, quando desertando os engenhos e fazendas os escravos constituíram a confederação de Palmares, em defeza de sua liberdade.

A Roma antiga, que tantos povos escravizou, viu um dia, estupefacta e aterrada, um Spartaco á testa de um exercito de escravos.

No Brazil a escravidão tambem impelliu o africano a suas revoltas, e ao seu desforço. Lá foi a guerra servil com todos os seus horrores; em Palmares os elementos ahi congregados não tiveram por alvo a vingança: bem ao contrario, o seu objectivo foi escapar á tyrannia e viver em liberdade, nas mais legitimas aspirações do homem.

Os escravos gregos eram instruidos tanto nos jogos publicos, como na literatura, vantagens que o africano escravizado na America não

logrou possuir, pois o rigor do captiveiro que não consentia o menor preparo mental, embotava-lhe a intelligencia. Sem embargo, mostrou-se superior ás angustias do soffrimento, e teve gestos memoraveis de revolta buscando organizar sociedade com governo independente. Conhecia as organizações guerreiras e se predispoz para a defeza de sua cidadella de Palmares, e para as incursões opportunas no territorio visinho e inimigo.

Não desprezava as melodias selvagens adaptadas aos seus cantos de guerra.

O escravo grego ou romano abandonando o senhorio não cogitava de se organizar em sociedade regular, em territorio de que por ventura se apoderava; vivia errante ou em bandos entregues á pilhagem.

A devastação, de que se fizeram pioneiros os escravos romanos inspirava terror a todos os que tinham noticias de sua aproximação. Os fundadores de Palmares não procederam de igual modo; procuraram refugio no seio da natureza virgem e ahi assentaram as bases de uma sociedade, á imitação das que dominavam na Africa, sua terra de origem, sociedade aliás mais adiantada do que as organizações indigenas. Não era uma conquista movida pelo odio, mas uma affirmação legitima do desejo de viver livre, e assim, possuíam os refugiados dos Palmares as suas leis

severas contra o roubo, o homicídio, o adultério, as quaes, na sua vida interna observavam com rigor.

Não os dominava o odio contra o branco; perdoaram e esqueceram magoas, pondo-se a salvo, pelo amôr da liberdade, pois que toda a sua aspiração cifrava-se na alegria de viver livre.

Na sociedade de Palmares não medravam os vagabundos e malfeitores; a vida de torturas das senzalas substituiu-se pelo conforto natural e aparelhado.

Quando o civilizado chegava até a entrar em duvida, si o africano ou o indio tinha alma e os mais tolerantes mal a concediam somente depois de baptisado, o filho do continente negro dava provas de que a possuia, revoltando-se com indignação contra a iniqua oppressão de que era victima, e impondo á força a sua liberdade e independencia. «De todos os protestos historicos do escravo, Palmares é o mais bello, o mais heroico. E' uma Troya negra, e a sua historia uma Illiada.» (10).

«Palmares formam a pagina mais bella do heroismo africano e do grande amor da independencia que a raça deixou na America.» (11).

(10) Oliveira Martins—*Portugal e as Colonias*.

(11) Rocha Pombo—*H. do Brazil*—vol. 2º

A derrota de Palmares estimulou o senhorio no jugo ferrenho em que trazia o escravizado; era a reacção requintada pela previsão do perigo. O escravo do reconcavo da Bahia, principalmente, era, no geral, mal alimentado e não raro, por vestuario, possuia apenas a tanga de tenue panno de aniagem.

Mas o africano escravo não descançava, mantinha firme a ideia de conquistar a liberdade perdida, por qualquer meio. O governador Conde da Ponte, em 1807, ordenara medidas severas contra os quilombos, que se multiplicavam em desmedida. Tornaram-se os senhores ainda mais crueis, ao mesmo passo que augmentava o rancor e despertava a sêde de vingança, nos infelizes. Prova-o a serie crescente de levantes, em toda a parte, qual mais, qual menos importante, seguidos de morticínios. A coragem dos revoltados, a serviço da liberdade propria, não media sacrificios, não se conformava com o injusto soffrimento. Era preciso lutar, e lutar muito attendendo á desigualdade de condições.

«Incendido o odio implacavel no peito desses miseros humanos, pelos barbaros castigos e maus tratos que lhes infligiam os senhores, era natural que explodisse uma conspiração infernal. Em 28 de Fevereiro de 1814, na Bahia, flagellados pela

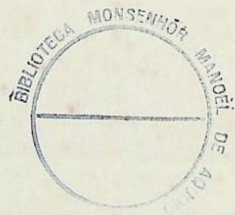
fome e desesperados pelo excesso de trabalho e pela habitual crueldade dos feitores, rebellaram e armados assaltaram as casas e senzalas das armações, em Itapoan.

As tropas da Legião da Torre tiveram no mesmo dia varios encontros com os rebeldes junto de Santo Amaro de Ipitanga.

Os pretos investiam contra ellas tão desesperados e embravecidos que só cediam na lucta quando as balas os prostavam em terra. (12).

A tropa, como de costume, procurava agir sem fazer mortandade, no intuito de poupar aos senhores a perda dos seus escravos rebellados. Mas estes preferiam perder a vida, luctando pela sua liberdade, e batendo-se com denodo, desesperadamente. Não foram poucos os Spartacus africanos que no Brazil preferiram a morte ao captiveiro.

(12) Dr. Caldas Britto—*Levantes de Pretos na Bahia.*





## CAPITULO V

### As juntas para as alforrias

Extenuado por uma serie de luctas constantes, cerceado por todos os meios, em suas aspirações, mas, firme, resolutu, confiante em seu idéal, o africano escravo não se desilludiu, não desesperou; tentou outro recurso, na verdade, mais conforme com o espirito de conservação—*a confiança no trabalho proprio*.

Conta-nos o infortunado escriptor Affonso Arinos, no excellento artigo—*Atalaia Bandeirante*—que a igreja de Santa Iphigenia, no Alto da Cruz, em Minas, guarda a lenda de um rei negro e toda a sua tribu, transportada para aquelle Estado como escravos, e «nivellados pelo mesmo infortunio soberano e vassallos, estes guardaram sempre ao rei a antiga fé, o mesmo amôr e obediencia.»

E accrescenta o mesmo escriptor:

«A' custa de um trabalho insano, feito nas curtas horas reservadas ao descanso, o escravo rei pagou a sua alforria.

«Forro, reservou o fructo do seu trabalho para comprar a liberdade de um dos da tribu; os dois trabalharam juntos para o terceiro; outros para o quarto, e assim, successivamente, libertou-se a tribu inteira. Então, erigiram a capella de Santa Iphigenia, princeza da Nubia.

«Ali, ao lado do culto á padroeira, continuou o culto ao rei negro, que, pelos seus, foi honrado como soberano e legou ás gerações de agora a lenda suave do Chico--Rei».

Praticavam aqui na Bahia, quasi o mesmo, os africanos. Ainda não existiam as caixas economicas, pois que a primeira fundada na Bahia data de 1834, não se cogitava ainda das caixas de emancipação e das sociedades abolicionistas, antes mesmo de se tornar tão larga como depois se tornou a generosidade dos senhorios, concedendo cartas de alforria ao festejarem datas intimas, e já havia as *caixas de emprestimo*, destinadas pelos africanos á conquista de sua liberdade e de seus descendentes, caixas a que se denominavam—«Juntas».

Com esse nobilissimo intuito reuniam-se sob a chefia de um delles, o de mais respeito e confiança, e, constituíam a caixa de emprestimos. Tinha o encarregado da guarda dos dinheiros um modo particular de notações das quantias recebidas por amortisação e premios.

Não havia escripturação alguma; mas, a proporção que os tomadores realizavam as suas entradas, o prestamista ia assignalando o recebimento das quantias ou quotas combinadas, por meio de incisões feitas num bastonete de madeira para cada um.

Outro africano se encarregava da collecta das quantias para fazer entrega ao chefe, quando o devedor não ia levar, espontaneamente, ao prestamista a quota ajustada.

De ordinario, reuniam-se aos domingos para o recebimento e contagem das quantias arrecadadas, commummente em cobre, e tratarem de assumptos relativos aos emprestimos realizados.

Si o associado precisava de qualquer importancia, assistia-lhe o direito de retiral-a, descontando-se-lhe, todavia, os juros correspondentes ao tempo. Si a retirada do capital era integral, neste caso, o gerente era logo embolsado de certa percentagem que lhe era devida, pela guarda dos dinheiros depositados. Como era natural, a falta de escripturação proporcionava enganos prejudiciaes ás partes.

A's vezes, o mutuário retirava o dinheiro preciso para sua alforria, e, diante os calculos do gerente o tomador pagava pelo dobro a quantia emprestada.

No fim de cada anno, como acontece nas sociedades anonymas ou de capital limitado, era certa a distribuição de dividendos. Discussões acaloradas surgiam nessa occasião, sem que todavia os associados chegassem ás vias de facto, tornando-se desnecessaria e improficua a intervenção policial.

E assim auxiliavam-se mutuamente, no interesse principal de obterem suas cartas de alforria, e della uzarem como si se encontrassem ainda nos sertões africanos. Resgatavam-se, pelo auxilio mutuo do esforço paciente, esses heróes do trabalho.







## CAPITULO. VI

### O africano na familia, seus descendentes notaveis

Percorrendo a historia, deixando illuminar-nos a fronte a luz amarelenta das chronicas, não sabemos ao certo quem maior influencia exerceu na formação nacional desta terra, si o portuguez ou o negro. Chamado para juiz nesta causa, necessariamente o nosso voto não pertence ao primeiro. (Mello Moraes-Filho).

A agricultura foi a fonte inicial e perenne da riqueza do paiz.

Orientada por processos acanhados, rotineiros e superficiaes, nem por isso deixou de medrar e desenvolver-se sob a actividade e influxo do trabalho escravo. Todo o esforço physico do africano caracterizava-se na ideia de se aproveitar a maior somma de producção agricola, donde os colonizadores pudessem colher farta mésse de proventos, e só depois de delida a resistencia muscular do escravizado pelos rigores do eito e da canicula e, sobretudo, pela idade, é que se lhe permittia, em paga de tantas fadigas,

5

entregar-se a outros misteres no interior dos lares, e isso quando a morte o não surprehendia em meio dos rudes labores dos campos.

Uma vez removido para o lar domestico, o escravo negro, de natureza affectiva, e, no geral, de boa indole e com a sua fidelidade á toda a prova, a sua intelligencia, embora inculta, conquistava a estima dos seus senhores pelo seu sincero devotamento, e sua dedicação muitas vezes até ao sacrificio. Foi no lar do senhorio que o negro expandiu os mais nobres sentimentos de sua alma, collaborando, com o amor dos paes, na criação da tenra descendencia dos seus amos e senhores, com o cultivo da obediencia, do acatamento, do respeito á velhice e inspirando sympathia, e mesmo amôr á todas as pessoas da familia.

As mães negras eram thezouro de ternura para os senhores moços no florescimento da familia dos seus senhores.

Desse convivio no lar, resultaram as diversas modalidades do serviço mais intimo, surgiram então a mucama de confiança, o laçao confidente, a ama de leite carinhosa, os pagens, os guarda-costas e criados de estima.

Trabalhador, economico e providente, como era, o africano escravo, qualidade que o descen-

dente nem sempre conservou, não admittia a prole sem occupação licita e, sempre que lhe foi permittido, não deixou jamais de dar a filhos e netos uma profissão qualquer. Foi o trabalho do negro que aqui sustentou por seculos e sem desfallecimento, a nobreza e a prosperidade do Brazil; foi com o producto do seu trabalho que tivemos as instituições scientificas, letras, artes, commercio, industria, etc., competindo-lhe, portanto, um logar de destaque, como factor da civilização brasileira.

Quem quer que compulse a nossa historia certificar-se-á do valor e da contribuição do negro na defeza do territorio nacional, na agricultura, na mineração, como bandeirante, no movimento da independencia, com as armas na mão, como elemento apreciavel na familia, e como o heróe do trabalho em todas as applicações uteis e proveitosas. Fôra o braço propulsor do desenvolvimento manifestado no estado social do paiz, na cultura intellectual e nas grandes obras materiaes, pois que, sem o dinheiro que tudo move, não haveria educadores nem educandos: feneceriam as aspirações mais brilhantes, dissipar-se-iam as tentativas mais valiosas. Foi com o producto do seu labor que os ricos senhores puderam manter os filhos nas Universidades europeas, e depois nas

faculdades de ensino do paiz, instruindo-os, educando-os, donde saíram veneraveis sacerdotes, consummados politicos, notaveis scientistas, emeritos literatos, valorosos militares, e todos quantos, ao depois fizeram do Brazil colonia, o Brazil independente, nação culta, poderosa entre os povos civilizados.

Do convívio e collaboração das raças na feitura deste paiz procede esse elemento mestiço de todos os matizes, donde essa pleiade illustre de homens de talento que, no geral, representaram o que ha de mais selecto nas afirmações do saber, verdadeiras glorias da nação. Sem nenhum esforço pudemos aqui citar o Visconde de Jequitinhonha, Caetano Lopes de Moura, Eunapio Deiró, a privilegiada familia dos Rebouças, Gonçalves Dias, Machado de Assis, Cruz e Souza, José Agostinho, Visconde de Inhomirim, Saldanha Marinho, Padre José Mauricio, Tobias Barreto, Lino Coitinho, Francisco Glycerio, Natividade Saldanha, José do Patrocinio José Theophilo de Jesus, Damião Barbosa, Chagas, —o *Cabra*, João da Veiga Murici e muitos outros, só para falar dos mortos. Circumstancia essa que nos permite asseverar que o Brazil possui duas grandezas reaes: a umberdade do solo e o talento do mestiço.

Tratando-se da riqueza economica, fonte da

organização nacional, ainda é o colono preto a principal figura, o factor maximo.

São esses os florões que cingem a fronte da raça perseguida e soffredora que, a extinguir-se deixará immorredoiras provas do seu valor incontestavel que a justiça da historia ha de respeitar e bem dizer, pelos inestimaveis serviços que nos prestou, no periodo de mais de tres seculos.

Com justa razão disse um patriota:

«Quem quer que releia a historia  
Verá como se formou  
A nação, que só tem gloria  
No africano que importou».

Mannel Quevino.

